

O COORDENADOR INTERFRASAL *MAS* — INVARIÂNCIA E VARIANTES

Maria Helena de Moura NEVES*

RESUMO: Proposta uma definição semântica básica para o *mas* — que se refere à noção de desigualdade para os segmentos entre os quais ele ocorre —, consideram-se as diferenças existentes em diversas ocorrências interfrasais desse coordenador. Verificado o contexto típico de ocorrência, conclui-se pela consideração do *mas* como elemento característico de operação argumentativa.

UNITERMOS: *Mas*; coordenação; argumentação; relação adversativa; comparação; concessão; contraposição; eliminação; recolocação; discurso polêmico.

INTRODUÇÃO

Transparece à percepção de qualquer usuário da língua que o *mas* garante uma relação adversativa para os segmentos entre os quais ocorre. É necessário, porém, que se caracterize mais acuradamente o significado básico que permanece nos diferentes empregos desse elemento e que deve ser apontado como sua definição semântica.

É nossa hipótese inicial que a ocorrência da *conjunção coordenativa* após pausa de final de frase permite uma melhor avaliação desse elemento. Exatamente porque ocorrentes entre segmentos organizados em indicadores sintagmáticos independentes, os coordenadores interfrasais deixam ver, na estrutura manifestada, a organização e reorganização mútua e contínua das partes que compõem o texto. É assim que nossas reflexões partem das ocorrências do elemento *mas* em início de frase.

Em geral, os estudos sobre o *mas* (LAKOFF, 23; HALLIDAY & HA-

SAN, 21; VAN DIJK, 52) se preocupam em especificar, já de partida, diferentes “significados” desse coordenador. A marca geral desses estudos é a bipartição inicial em dois grandes grupos — o primeiro geralmente caracterizado pela existência de oposição semântica entre os membros coordenados, e o segundo, pela existência da chamada *concessão* —, relacionando-se, a seguir, fora desses grupos maiores, uma série de ocorrências. Parece-nos necessário, entretanto, verificar o que há em comum nesses dois grandes grupos, já de início distinguidos, e o que, nos outros tipos postos à margem, permite seu agrupamento com os grupos maiores.

A INVARIÂNCIA

Propomos que a definição semântica básica de *mas* se refere à noção de *desigualdade* para os segmentos entre os quais esse elemento ocorre, definição que se relaciona com o próprio significado do étimo latino *magis*. Basicamente o *mas*

* Departamento de Linguística — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14.800 — Araraquara — SP.

expressa a relação entre os dois segmentos de algum modo desiguais entre si: cada um deles não só é externo ao outro (coordenado), mas, ainda, é, marcadamente, diferente do outro. O emprego do *mas* entre esses segmentos representa a explicitação dessa desigualdade, indicando que o enunciador a reconhece e se utiliza dela na organização de seu enunciado, tanto na distribuição das unidades de informação como na estruturação da argumentação.

A conjunção portuguesa *mas* provém do advérbio latino *magis*, “mais”*, que, já no latim vulgar, adquiriu sentido adversativo**. Como sinônimo de *potius*, “antes”, “de preferência a”, *magis* se tornou concorrente de *sed*, “mas” (correspondente ao alemão *sondern* e ao espanhol *sino*) após frase negativa. Ex.s: *id, Manli, non est turpe, magis miserum est* (Catulo, 68, 30), “isso, Mânlio, não é torpe, antes é lamentável”; *ipse nullo repetere* (sc. *beneficia*), *magis id laborare ut illi quam plurimi deberent.*” (Salústio, B. Iug. 96, 2), “ele próprio não reclamava (os benefícios) de ninguém, antes fazia por ter o maior número possível de devedores.” *** Bem mais tarde, *magis* empregou-se com o sentido do alemão, *aber*, espanhol *pero*. Ex.: *possidet ille polos, tu magis ima petis* (Ven. Fort. carm. 1,3,10), “ele ocupa as regiões mais altas, tu, porém, as mais profundas.”****

Como ponto de partida tomamos as observações de DUCROT & VOGT (16), que mostram que a estrutura adversativa facilmente se liga à estrutura comparativa. Aceitamos não apenas o princípio da argumentatividade como as noções de negação e manutenção argumentativas, esta

variando de um simples registro até a concessão. Julgamos, entretanto, que a explicação das semelhanças entre as duas estruturas — que, historicamente, formam um quadro de derivação (primitiva: comparativa; derivada: adversativa) — poderiam ser vistas em um quadro maior, desvinculado do devir histórico e caracterizado, isto sim, pela existência de propriedades comuns que explicam o fato histórico.

Para nós, ambas as estruturas, consideradas independentemente da datação histórica de ocorrência, apresentam em comum a expressão de desigualdade, um dos traços básicos das atividades do espírito humano, que, sobre o eixo de semelhanças, distingue diferenças. E, assim como no exame do binômio *comparativo* → *adversativo*, nesse esquema mais amplo *desigualdade* → *comparativo*, *adversativo*... também se recorre, do ponto de vista argumentativo, a noções antinômicas mas conciliáveis de negação e manutenção, ambas graduáveis nas suas possibilidades de manifestação.

Basicamente, o *mais* ocorre entre duas entidades diferentes entre si: fundamentalmente cada uma delas é não só sintaticamente *externa*, mas também marcada como *desigual* em relação à outra.

AS VARIANTES

A partir dessa invariância, podemos considerar a significação das diferenças existentes entre as diversas ocorrências do elemento *mas*.

No terreno fluído da contextualização de semas, nossa análise terá de contentar-se com aproximações, e será

* Outras línguas românicas, como, por exemplo, o francês (*mais*) e o italiano (*ma*), também derivam o coordenador adversativo de *magis*. Interessante observar, por outro lado, que a adversativa grega *allá* é o plural neutro, com mudança de acento, de *állos*, “outro” (SCHWYZER, 46, p. 578; CHANTRAINE, 6, s.v. *állos*; DENNISTON 11, p. 1). Aí está bem esse significado de diversidade.

** LEUMANN-HOFMANN-SZANTYR (25, p. 497); BLOCH & WARTBURG 4, s.v. *mais*; COROMINAS 10, s.v. *más*; MACHADO 33, s.v. *mas*. Diz Corominas que, com esse sentido, *mais*, primeiramente, se empregou para agregar uma circunstância nova, equivalendo a “ainda mais”, e, depois, para indicar fato alegado em oposição ao anterior.

*** LEUMANN-HOFMANN-SZANTYR (25, p. 497). Os autores apontam, ainda, o emprego de *magis* em combinação com partículas adversativas: *sed magis, magis autem, magis tamen, magis enim, immo magis, ac magis, et magis = sed magis, aut magis* (25, p. 497-498).

**** LEUMANN-HOFFMANN-SZANTYR (25, p. 498). MEYER-LUBKE (35, p. 309) afirma que, quanto ao emprego de *magis* depois de verbos afirmativos, não se pode dizer se é fenômeno latino ou românico.

impossível a determinação de classes fechadas ou de unidades discretas na categorização das diversas manifestações do coordenador *mas*. É todo o conjunto coordenado que pesa na avaliação. E, assim, é geralmente com zonas nebulosas de interferência que, no exame das implicações semânticas existentes entre os segmentos coordenados por *mas*, se passa de uma desigualdade pouco caracterizada, para o contraste, a contrariedade, e se chega à oposição, à negação, à anulação, à rejeição.

Essa desigualdade se registra segundo várias escalas (diferença de natureza, de direção, de grau em uma mesma direção), e pode, ainda, ligar-se a variáveis, como por exemplo, o tempo.

A rejeição, a anulação, a negação, por sua vez, podem seguir-se ou não de substituição ou recolocação.

Por outro lado, o registro das semelhanças só pode assentar-se na base das semelhanças, o eixo capaz de prover fundamentação para o estabelecimento de diferenciações. Aparece, portanto, como outro traço característico da relação “adversativa” o reconhecimento de uma entidade, para posterior registro de sua desconsideração, negação, anulação, rejeição.

Propomos, assim, que, em todo enunciado em que ocorre o elemento *mas*, há algo de oposição (que vai de um mínimo, a condição de simples desigualdade, a um máximo, a anulação) e algo de admissão (que vai de um mínimo, o simples reconhecimento ou registro de existência, a um máximo, a concessão).

Julgamos que a existência do significado básico aqui proposto e que as implicações ligadas a essa noção de desigualdade são comprometedoramente ignoradas por quantos bipartem as noções expressas pelo coordenador “adversativo” em *contrastiva* e *concessiva*, compondo dois grupos mutuamente exclusivos,

obrigando-se, depois, a considerar casos marginais. Na verdade, essa bipartição inicial coloca em oposição duas categorias de ordem diferente. A questão do contraste se refere à diversidade que, realmente, o *mas* evidencia, diversidade que tem o contraste como um de seus graus. A questão da concessão, por sua vez, se refere a uma admissão, (real ou retórica), que precede a expressão da diversidade, e que, também, tem a concessão como um de seus graus.

Com base na definição sêmica apontada para *mas*, propomos uma bipartição inicial de enunciados do tipo *p. Mas q.** segundo haja ou não implicação de incompatibilidade entre *p* e *q*, isto é, segundo esteja ou não implicado que a existência de *q* elimina *p*. Dentro desses dois grupos maiores, outras implicações levarão a subagrupamentos que serão, a seguir, considerados.

GRUPO I — CONTRAPOSIÇÃO (*q* não elimina *p*)

Consideramos que:

- a) se *p* e *q* são desiguais;
- b) se *q* não elimina *p*;

— *p* e *q* necessariamente se contrapõem (confrontam-se e distinguem-se).

A partir do pressuposto b), considera-se que existe sempre, em graus variáveis, admissão — explícita ou implícita — de *p*, para posterior contraposição de *q*.

O exame dessa contraposição vai implicar, basicamente, a confrontação entre a direção que toma *p* e a direção que toma *q* na organização do enunciado, tanto na distribuição das unidades de informação como na orientação argumentativa, esta especialmente determinante no estudo do *mas*.

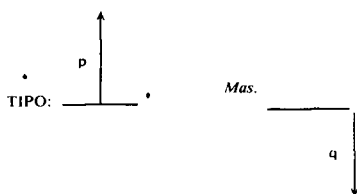
* *p* e *q* não são, aqui, entidades lógicas; designam, simplesmente, as frases coordenadas. Por outro lado, o primeiro termo da coordenação nem sempre é uma frase localizável, podendo ser toda uma configuração do texto anterior, ou ser, mesmo, um elemento da situação. Muito menos é necessário que *p* e *q* sejam contíguas. Observe-se, finalmente, que, sendo recursiva a coordenação, *q* pode seguir-se a uma série já coordenada.

À primeira vista pareceria que a direção de p e a de q têm de ser, necessariamente, opostas. Não é, entretanto, o que se verifica. Na verdade, p e q podem estar não só em direções opostas como também em direções paralelas e até na mesma direção, desde que se caracterize a expressão de uma desigualdade, como se verá na descrição.

Consideramos não-pertinente para a classificação a existência ou não de relação temporal entre as frases coordenadas.

1.1. Em direções opostas

- (1) — Vou bem. *Mas* você vai mal. (48, p.62)



1.1.1. Com contraste entre p e q

- (2) (...) Creusa, certamente, não se dera ao trabalho de aparecer. *Mas* lá estavam Gumercindo e os outros empregados (...) (26, p.105).
- (3) (...) Será que pé gasta? Diz que de quem trabalha em salina gasta. *Mas* eu não; agora sou jornalista. Gasto a bunda. (40, p.172).
- (4) Amedrontado, Naé ergueu-se. *Mas* não chegou a dar um passo: a porta escancarou-se e dois homens avançaram na sua direção. (8, p.139).
- (5) O sítio ou fazenda não era muito grande, se se considerasse apenas a parte coberta de trabalho: algumas casinholas quebradas, o curral, o

campo lavrado. *Mas* seria enorme se também se contasse com as terras largadas (...). (27, p.45).

- (6) Camisa de seda finíssima (...) Por trás da mesa um grande cofre. Muito dinheiro e a patente de major da Guarda Nacional. *Mas* as mãos — aquelas mãos cheias de anéis do atual patrão — conservavam ainda as asperezas das do antigo garimpeiro bafejado pela sorte. (44, p.63).
- (7) Em qualquer outro estágio de imaginação, talvez houvesse razão para que nos supuséssemos aliados (...). *Mas* seria possível conceber que, nesse premonitório momento de confusão, pudesse uma criatura compreender tão instantaneamente a essência da outra? (24, p.36).
- (8) (...) Em geral costumavam elas ter as suas quatro ou cinco cabeças de galinha, o que lhes dava algum rendimento. *Mas* na casa de Salu a coisa ia de mal a pior. (44, p.68)

Verifica-se que:

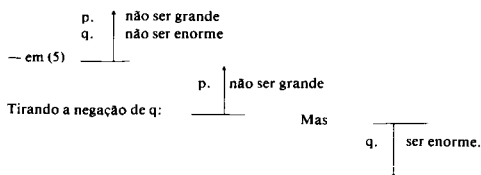
- a) p e q são históricas* ou não, havendo ou não relação temporal entre p e q.
- b) A contraposição se faz em curso de uma comparação implícita.
Comparam-se:
— em (1), (2) e (3), dois temas;
— em (4), (5) e (6), dois remas;
— em (7) e (8), dois circunstantes.
- c) O estabelecimento do contraste entre os dois elementos comparados se faz com base em um eixo de identidade. Há, sempre, pois, um elemento comum a p e a q, explícito ou não, não enunciado.
- d) O contraste entre p e q vai, sem limites muito definidos, da polaridade

* Entendemos, aqui, *história* como "relato", independentemente de nela se inscrever ou não a primeira e a segunda pessoas: o fato histórico é o suscetível de atualização espaço-temporal (Veja-se o conceito de BENVENISTE, 2, 3).

(*sim/não, não/sim*) ao simples cotejo (qualitativo ou quantitativo), passando pela antonímia, total ou parcial; exemplos:

- em (2) e (3): polaridade;
- em (1) e (5): antonímia;
- em (4), (6), (7) e (8): contraste.

- e) Na contraposição dos contrários pode estar envolvida gradação, como por exemplo, em (5); nesse tipo de oposição, o segmento que se acresce (q), em direção contrária à de outro segmento dado (p) representa um elemento que, não fossem contrárias as direções, estaria abaixo do primeiro numa escala argumentativa*. Esse tipo de oposição argumentativa resulta, pois, de inversão de direção do elemento que está abaixo nessa escala. Esse mecanismo pode ser assim representado:



O que se verifica é que p e q são valores argumentativos na mesma direção, e q está abaixo de p na escala argumentativa. Invertendo-se a polaridade de q (negando-se q, se for afirmativo, e afirmando-se q, se for negativo), q toma direção oposta a p.

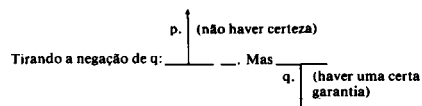
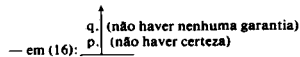
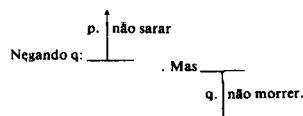
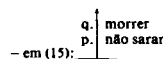
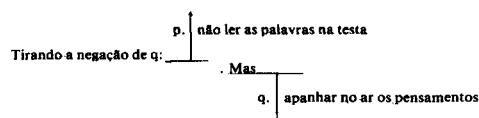
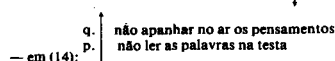
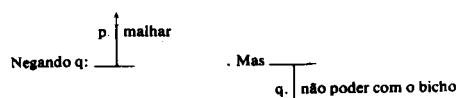
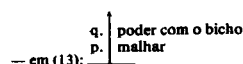
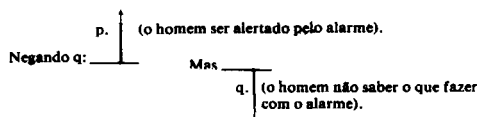
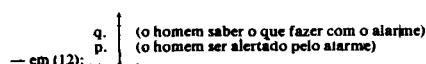
I.1.2. Com compensação entre p e q

- (9) (...) Tinha de resignar-se a tolerar, durante algumas horas, a presença de Susana, seu olhar sardônico, as vingativas perguntas que não deixaria de fazer. *Mas* havia o menino, conversaria com ele. (...) (26,p. 109).
- (10) (...) Abusava, porém, de tal forma dos excitantes que as imagens do mundo às vezes se lhe apagavam por
- completo, durante frações de segundo, quando não se deformavam ou explodiam. *Mas* que diabo!
Aquelas drogas lhe abriam as portas da fuga. (...) (54, p. 77).
- (11) “Ora, minha filha, há tantos loucos no hospício, e que é que nós temos com eles? Loucura não pega.”
“*Mas* se herda; há famílias de loucos.” (37,p. 18).
- (12) E, continuando a andar, por vezes o vento lhe trazia um clamor vago, uma reivindicação mais intensa. Era um alarme de vida que delicadamente alertou o homem. *Mas* com o qual ele nada soube fazer como se visse uma flor se entreabrir e apenas olhasse. (27,p. 39).
- (13) Eu já sabia correr o pé e dar cabeçada. Quando chifrava pra valer, não era para fazer carinho, não. Botava outros moleques de bunda no chão, estiradinhos na calçada. E então não me cansava de chutar o fre-guês. Malhar, malhava; *mas* agora, com aquele bicho gordo eu não podia. (...) (1,p. 272).
- (14) (...) Dora afirma que lê as palavras na testa do pai acompanhando a vibração das rugas. Eu não chego a tanto. *Mas* em compensação apanho no ar os pensamentos do senhor (...). (48,p. 74).
- (15) — Então vai sarar?
— Também não.
— *Mas* não vai morrer, hem, tio Daniel? (50,p. 56)
- (16) — (...) O Senhor é o senhor mesmo, podia ser um louco.
— O catálogo não disse o contrário.
— *Mas* já é uma garantia. (9,p. 14).

* Fala-se aqui em *escala argumentativa* tal como apresenta o conceito DUCROT (13).

Verifica-se que:

- a) p e q são ou não históricas; são argumentos (ou fatos usados como argumentos), havendo ou não relação temporal entre p e q.
- b) A compensação entre p e q resulta da diferença de direção dos argumentos.
- c) Essa diferença pode não envolver grau, como em (9), (10) e (11); assim, por exemplo, têm direções opostas e se compensam, sem envolvimento de gradação, “ter as imagens do mundo apagadas” e “ter as portas da fuga abertas” (10) ou “a loucura não ser transmissível” e “a loucura ser hereditária” (11).
- d) Quando envolve grau, essa diferença pode ser apresentada na ordem do argumento mais fraco para o mais forte (que é negado), como em (12) e (13), ou na ordem oposta, como em (14), (15) e (16). (Observe-se, em (14): *não chego a tanto*).
- e) Na compensação com envolvimento de grau, o que se verifica é que a frase q, que se acresce, em direção oposta, à frase p, representa um argumento que, não fosse contrárias as direções, estaria acima do primeiro numa escala argumentativa. Esse tipo de oposição resulta, pois, de inversão do elemento que está acima nessa escala. Esse mecanismo pode ser representado como nos exemplos ao lado.



O que se verifica é que p e q são valores argumentativos na mesma direção, e q está acima de p na escala argumentativa. Invertendo-se a polaridade de q (negando-se q, se for afirmativo, e afirmando-se q, se for negativo), q toma direção oposta a p. Pode-se apresentar, nos casos examinados, fórmulas deste tipo (chamando-se x e y, respectivamente a p e q despojados da polaridade):

- em (12) e (13): x, sim, mas y (+ que x), não;
- em (14) e (16): x, não, mas y (- que x), sim;
- em (15): x, não, mas y (+ que x) também não.

A indicação de compensação pode vir lexicalizada, como em (14) (*em compensação*).

f) Se examinada essa argumentação com relação aos valores do mundo real, verifica-se que o enunciador pode apresentar primeiro o argumento de uma escala positiva (argumento favorável) e, em segundo lugar, o argumento oposto (desfavorável ou menos favorável), (como ocorre, por exemplo, em (12) e (13), ou pode proceder de modo inverso (como ocorre em (14), (15) e (16)).

Nestes últimos casos, a compensação tem um certo sentido de reparação, e o enunciado *p. mas q.* vale como *p. Mas, pelo menos, q.* Esse sentido é, por vezes, lexicalizado, como ocorre em (16) (*já* = “pelo menos”), e em (14), onde a expressão *em compensação* é usada pelo enunciador para indicar um argumento favorável compensatório do desfavorável (*não chego a tanto*) que acabara de ser lançado.

1.1.3. Com restrição a *p.*, formulada em *q*

A frase *q* restringe, de algum modo

p:

1.º) por refutação.

(17) — Os bichos comem a gente.
— *Mas* a gente não é só isso.
(50, p.57)

(18) — Você não acha ridículo um velho amar?
— *Mas* nem você tem a idade de Goethe, nem ela é jovem como Betina Brentano. (48.p.62).

(19) — Na verdade, nem sequer, comecemos, e eu me recuso a continuar perdendo tempo com um paciente que me esconde pensamentos e sentimentos.

— *Mas* é que conheci a moça apenas há duas semanas! (54,p. 79).

(20) — (...) Vá plantar meu arroz já, já.

— *Mas* patrãozinho, mas plantar sem... (17,p.96)

(21) — Já vai para duzentos cruzeiros a sua história.

— *Mas* vale mais. (39,p.166)

Verifica-se que:

a) *p* e *q* são inserções da enunciação do enunciado (*q* cumpre o ato de refutar).

b) Por essa razão, *q* tem entoação marcada, o que pode ser representado graficamente (como em (19)), ou não; pela mesma razão aparecem, em *q*, elementos de intensificação, como, por exemplo, em (17) (*só*), em (19) (*apenas*) e em (20) (repetição do *mas*).

c) *q* pode restringir:

— um pressuposto*, como em (17);

pressuposto: “a gente é comível”;

restrição: “a gente não é só isso”;

em (18); pressuposto: “sou velho”;

restrição: “você, não é tão velho”;

(a que se acrescenta: “e ela também não é tão jovem”);

em (19); pressuposto: “você já namorava a jovem”;

restrição: “faz pouco tempo que isso ocorre”;

em (20); pressuposto; “há o necessário para você plantar”;

restrição: “não há...” (que, no texto, se refere a “enxada”);

— um subentendido, como em (21);

subentendido: sua história vale muito;

restrição: vale mais ainda.

2.º) Por acréscimo de informação.

(22) (...) Aliás, a sua (causa) já está

* Entendemos *pressuposto* e *subentendido* tal como conceitua DUCROT (15). Diz o autor: “Se o posto é o que eu afirmo enquanto locutor, se o subentendido é o que eu deixo que meu ouvinte conclua, o pressuposto é o que eu apresento como comum à duas personagens do diálogo, como o objeto de uma cumplicidade fundamental que liga entre si participantes do ato de comunicação” (15,p.36). Por referência ao sistema de pronomes, o pressuposto é apresentado como ligado ao *nós*, enquanto o posto é “reivindicado” pelo *eu*, e ao subentendido “é deixado” o *tu* (15,p.36). Por referência ao tempo, o posto se apresenta como simultâneo ao ato de comunicação, aparecendo pela primeira vez no universo do discurso no momento desse ato; o subentendido vem como posterior a esse ato, como acrescentado pela interpretação do ouvinte; o pressuposto, mesmo que nunca tenha sido introduzido antes da enunciação, se situa em um passado do conhecimento, eventualmente fictício, ao qual o locutor parece referir-se (15,p.36).

- ganha há muito tempo. *Mas* em segredo, e isso o aflige. (...) (48,p.62).
- (23) (...) e falou para Bernardo, num tom quase de ordem, que tinha urgência de conversar com ele:
— *Mas* sem interrompentos. Sem agras testemunhas,. (26, p. 111)
- (24) — Quero falar de um negócio muito sério.
Estava de paletó, com o chale de seda-palha mal enrolado no pescoço. Largas placas lívidas no rosto.
— *Mas* não quero falar aqui, (26, p. 98)
- (25) Casou-se. *Mas* não foi com a Luizinha. (...) (51, p.18).
- (26) (...) Uma onça ferida para sempre, talvez, e para sempre a lambar a ferida. *Mas* sem saber (...).(5, p. 141)
- (27) Dr. Fifinho ficou só, embalado pelo ronronar do aparelho de ar condicionado. *Mas* foi por pouco tempo (...) (42, p.88)
- (28) (...)Ela desandou a fazer uma série de considerações (...). Pareceu-me uma forma de gratidão por tudo quanto você tem feito por ela. *Mas* você sabe tanto quanto eu que certas frases de ex-doentes mentais parecem parábolas. (48, p.70).
- Verifica-se que:
- a) p e q são ou não históricas.
b) q limita o posto em p:
— por acréscimo de áctantes ou de indicadores de modo, condição ou localização espaço-temporal, como em (22) a (27);
— por modalização, como em (28) (em que a modalidade do parecer, em q, restringe p (já modalizada pelo parecer do enunciador).
- c) Essa restrição pode significar uma exclusão parcial, por vezes, estando expressos indicadores de negação, privação ou insuficiência, como em (23) e (26) (*sem*), em (24) e (25) (*não*), em (27) (*pouco*).
- 3.º Por pedido de informação.
(29) — Vitor Hugo estava trabalhando de meia-praça.
— Qual é Vitor Hugo?
— Vitor Hugo músico. Tocador de clarineta. Aquele que tem um filho doido que come barata.
— *Mas* ele era meia-praça de seu Teotônio mesmo? (44,p.64)
- (30) Isso trouxe uma longa discussão sobre o possível conteúdo dos caixotes, e concordamos que devia ser qualquer coisa muito preciosa, ou muito delicada, a ponto de uma palmada por fora deixar o dono alarmado. *Mas* que coisa poderia ser que preenchesse essa ampla hipótese? (53,p.76)
- (31)— A ACC rogou que aumentássemos a contribuição, Dr. Rufino. As coisas estão pretas. Precisam de cobre.
.....
— Mais quanto?
— Mais trezentos mil, dr. Rufino.
.....
— (...) Quem fabrica dinheiro é o governo. (...) Assim acabamos abrindo falência!
O rosto envelhecido e ratoneiro do contador-geral era o mais autorizado a dizer que não. (...)
— *Mas* afinal quem é que pediu? (42,p.86)
- (32) Então (...) de novo subiu (...) a vontade de matar — seus olhos molharam-se gratos e negros numa quase felicidade, não era ódio ainda (...). *Mas* onde, onde encontrar o animal que lhe ensinasse a ter o seu próprio ódio? (...) (28,p.222)
- (33) Para onde fugir? nenhum navio no porto. Restaria entrar num daqueles botes e remar, içar velas. *Mas* ir para onde? (...) (29,p.187)
- (34) — Vamos, doutor, tire-me a dúvida.

- Não posso dizer nada sem ver a rapariga.

 — (...) seria de um ridículo sem matar se eu pedisse à moça para vir até aqui (...)

 — Pois se não quiser trazê-la não traga (...)
 — *Mas* por que lhe é tão importante conhecer a moça pessoalmente? (54, p. 79-80).
- (35) — Ele já tem feito isso várias vezes.
 — *Mas* como foi mesmo o negócio? (44, p. 64)

Verifica-se que:

- a) *p* é histórica ou não (e *p* nem sempre é formulada); *q* não é histórica (cumprimento de ato de questionar).
- b) *q* é: uma interrogativa geral, em (29) (questiona atribuição do predicado de *p* ao seu sujeito), uma interrogativa parcial, em (30) e (31) (pede um actante), (32) a (35) (pede um circunstante).
- c) *q* questiona:
 — o posto de *p*, em (29), (30) e (35);
 — um subentendido de *p*, em (32) e (33);
 — a situação, ou o contexto maior, em (31) e (34).
- d) O pedido de informação pode configurar-se como um pedido de confirmação, como em (29) e (35); o desconhecimento que leva ao pedido de informação pode vir reiterado, como em (31) (*afinal*).
- 1.1.4. Com negação de inferência* entre *p* e *q***

- 1.º) *q* é a negação da inferência de *p****.
- (36) — Você anda perto dos quarenta. Tenho vinte e cinco. — Encarou Bernardo. — há no mundo quem possa ter a casca verde e amadurecer por dentro? *Mas* eu dou uma lição a você (...). (26, p.114)
- (37) O Bar do Porco era velho e feidia: era muquinfo de um português lá onde, por uns mangos fuleiros, a gente matava a fome, engulindo uma gororoba ruim, preta. *Mas* eu ia. Uns trinta-quarenta cruzeiros resolviam. E a gente andava apavorada de fome. (1, p.272)
- (38) (...) Responde: “Biblioteca não é reclusão. Ao contrário. Haverá maneira mais cômoda de uma pessoa viajar no tempo e no espaço?” “Qual! Você daria uma grande adrogada. Como sabe argumentar! *Mas* apesar disso, a verdade é que se fosse completamente disponível como todas as moças, teria ensejo para maior convivência...” (48, p.76)
- (39) (...) Era um carrozinho de nada, todo vermelho, camionete, com dois únicos soldados contando o chofer. *Mas* ainda assim animou a disposição dos presentes e atraiu novos curiosos (...) (43, p.58)
- (40) (...) Eu sabia que não estava direito, pois o coitado do doutor... *Mas* eu não podia deixar a mulher naquele estado, podia? (...) (36, p.66)
- (41) Ora, eu não me chamo José... Esqueci meu nome, é verdade; *mas* sei que não era José. (30, p.66)
- (42) Vitória era uma mulher tão poderosa como se um dia tivesse encon-

*Sobre a legitimidade (e a necessidade) de se trazerem questões como inferência à descrição lingüística, vejam-se FILLMORE (19) e DUCROT (14), que defende a possibilidade de atribuir-se um estatuto lingüístico à inferência, tal como se confere à comutação ou à recção. Dá dois argumentos em favor dessa tese: 1.º) a inferência se opera *via formae*; não é o mundo exterior que nos faz concluir que Sócrates, se é homem (e se os homens são mortais), é mortal; nas linguas existem unidades recuperáveis, localizáveis, que parecem responsáveis pelas conclusões lógicas (ex.: *todos, alguns, e, ou, nenhum, é, se... então*; 2.º) o lingüista não poderia descrever essas palavras, e distingui-las umas das outras sem apelar para as possibilidades de inferência que elas autorizam (14, p.4-5).

** Para todo e qualquer enunciado com *mas*, LAKOFF (23) fala de negação da “pressuposição” existente entre *p* e *q*.

*** Desse tipo são os enunciados mais evidentemente “concessivos”. O 2.º tipo (a seguir) representaria a “concessiva invertida”.

trado uma chave. Cujas portas, é verdade, havia anos se perdera. *Mas*, quando precisava, ela podia se pôr instantaneamente como o velho poder. (...) (27, p.52)

- (43) E nas noites de sexta-feira não faltava quem visse a tal luzinha apagando e acendendo perto do alpendre. Explicavam:

— É a alma de Seu Durães fazendo penitência.

Mas, apesar da fama de lugar mal-assombrado, (...) os meninos do Ribimba costumavam ir durante o dia ao casarão solitário que dominava o barranco. (...) (44, p.70)

Verifica-se que:

- a) p e q são ou não históricas, havendo ou não relação temporal entre p e q.
- b) p é uma asseveração (representa a admissão de um fato) e q enuncia o oposto do que se deduz de p, em (36) a (42); em (43), q nega a inferência de todo um contexto anterior.
- c) A admissão pode vir lexicalizada, em p, como em (40) (*eu sabia*), em (41) e (42) (*é verdade*).
- d) A insuficiência de p para permitir a inferência pode vir lexicalizada, em q, por um adjunto, como em (38) (*apesar disso*), em (39) (*ainda assim*) e em (43) (*apesar da fama de lugar mal-assombrado*); em (38), ela é, ainda, indicada pela modalização de q (modalidade veredictória, que restabelece a verdade, diferente da inferida a partir de p: *a verdade é que*); observe-se que, em (42), a admissão lexicalizada em p (*é verdade*) já anuncia a insuficiência de p para a admissão de sua inferência.

2.º) p é a negação da inferência de q.

- (44) (...) O gado seria todo baio.

Mas o gado baio não é bom de leite. (...) (51, p.16)

- (45) (...) E seu coração se apertou, de repente. *Mas* sabia que não devia sentir saudades. (...) (8, p.132).

- (46) (...) Não se pode fazer nada, dr. Alcebiades, é melhor a gente aceitar o destino, cada um com a sua parte, conforme a partilha de Deus. Deus não tem nada a ver com isso, dizia o médico, mas vendo o sofrimento na cara de seu Tomê, calava, se limitava a deixar uma receita, apanhava o chapéu no cabide, ia embora sem dizer mais nada, mudamente, dizendo até a próxima.

— *Mas* João sabia, vovô Tomê sabia, todos sabiam que aqueles dias ruins de tio Zózimo não duravam muito. No fim de um mês ele estaria bom. (...) (12, p.202)

Verifica-se que:

- a) p e q são ou não históricas, havendo ou não relação temporal entre p e q.
- b) q representa a admissão de um fato; p (ou o contexto anterior a q) enuncia o oposto do que se deduz de q.
- c) A admissão pode vir lexicalizada, em q, como em (45) e (46) (*sabia*)*.

I.2. Na mesma direção

- (47) Não reconhecera aquela voz: se tivesse reconhecido seria fácil saber. *Mas* o pior mesmo fora ele quase dando de cara com Geraldo. (...) (55, p.50)

- (48) (...) Os médicos vieram ver Aicá e outras vítimas de fogo selvagem que há no Xingu. *Mas* vieram principalmente para Aicá, que quando adoeceu já vivia nas cercanias do

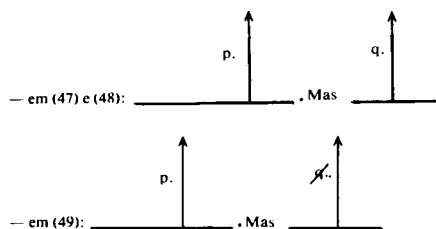
* Observe-se que é especialmente nos casos de negação de inferência entre p e q que o elemento *mas* exibe o seu conteúdo semântico. É principalmente nesses casos que, se omitido o coordenador, os enunciados passam a contraditórios. A existência do *mas* representa que o enunciador assume e utiliza argumentativamente a contraditoriedade entre p e q. CHAROLLES (7, p.26) fala de conectores que "recuperam" a contradição (fr. *mais, cependant, néanmoins*).

Posto e que sempre foi um índio muito bom. (...) (5, p.141)

- (49) (...) Esse perigo era maior na hora de atravessar a esquina, quando ficavam esperando uma oportunidade — o trânsito estava muito movimentado — e então se expunha inteiramente à vista dos outros. *Mas* os carros estacionados não eram menos perigosos: (...) (55, p.48)

Verifica-se que:

- a) p e q são ou não históricas; são argumentos (ou fatos usados como argumentos).
 b) q constitui um argumento que, acrescido a p na mesma direção argumentativa, se apresenta como superior (em (47) e (48)) e como não-inferior (em (49)). Seja assim esquematizada essa relação:



- c) Essa valorização do q relativamente a p pode ser comparativa, como em (49) (não-inferior), ou superlativa, como em (47) e em (48).
 d) A valorização pode ter expressão léxica: *o pior mesmo* (47); *principalmente* (48), *não...menos* (49); além disso, em (47), o superlativo é extraposto na construção (*o pior mesmo fora*).

1.3. Em paralelo

A frase q tem direção independente da de p. Constitui acréscimo de algo novo e marcadamente diferente.

1.3.1. Com acréscimo de um novo argumento

1.º) O argumento ainda não considerado é enunciado.

- (50) Com que sentido o homem cansado o percebeu, não se sabe dizer, talvez com a aguda sede e com sua derradeira desistência e com a nudez de sua compreensão: *mas* havia júbilo no ar. (...) (25, p.40)

- (51) Foi só então que Martim percebeu que estivera andando no planalto imenso de uma serrania, cujas primeiras ingremidades ele certamente havia galgado durante a noite, julgando dificuldade sua o que fora a dificuldade de uma subida nas trevas; e mais tarde tomando como cansaço seu o que na verdade fora uma aproximação gradativa do sol. *Mas* o que importava é que ele chegara. (...) (27, p.41)

- (52) Que foi pelos meus olhos acesos e verdes ou pela minha cara de espanto muito acordado; que foi pela mão de Deus ou por uma trampolinagem do capeta. *Mas* foi a minha maior colher de chá, o meu bem-bom, a minha virada nesta vida andeja. (1, p.275-6).

Verifica-se que:

- a) p e q são argumentos (ou fatos usados como argumentos).
 b) p, embora admitido, é considerado irrelevante: não importa o que se enuncia em p (não importa o fato, não importa qual de dois modos, não importa qual de duas causas). Essa desconsideração é lexicalizada, na frase q, em (51), pelo verbo *importar*, que vem extraposto (*o que importava é que*).

2.º) O novo argumento é sugerido para consideração.

- (53) (...) E se a danadinha batesse com a língua nos dentes? Não! A pequena não era boba, era até bem sabida, logo se via. *Mas* se começasse a achacá-lo? — estremeceu. (42, p.90)

- (54) (...) Quando sentir que já pode fechar a igreja, é só fechá-la e ir embora. O senhor mora perto?

- Moro ao lado. *Mas* se entrar um ladrão? (9, p.13)
- (55) (...) o senhor quer dizer que a morte para minha mãe seria muito melhor que a vida. *Mas* ... e se ela sarar? (50, p.57)
Verifica-se que:
- a) p e q são argumentos (ou fatos usados como argumentos); q é interrogativa hipotética.
- b) p, embora admitido, é considerado insuficiente: oferece-se uma hipótese ainda não considerada; esse acréscimo é lexicalizado, em (55), com o elemento *e*.
- 1.3.2. Com acréscimo de um novo foco*
- (56) — A empresa construtora os deixou a ver navios. Tanto que eles, condôminos, é que lhe requereram a falência. *Mas* como disse você ainda agora, passemos adiante: onde estão os maridos? (48, p.68)
- (57) (...) Nada de subjacente, nada que estivesse lá dentro como na polpa de um fruto se esconde o âmago de um duro e imprevisito caroço a determinar, sem que se saiba, o volume e a forma exterior da casca... *Mas* tornemos de novo à sala onde Eulália tocava sua valsa francesa. (...) (47, p.216-7)
- (58) — Sim, continuará aqui, se quiser. Tem sido tão nossa amiga, não é mesmo? — acrescentou franzindo a testa. — *Mas* ouça, Virgínia, não se preocupe mais com os outros, eu cuidarei da sua mãe, (...). (50, p.59-60)
- (59) (...) As conversas frente a frente se repelem como sulcos na água produzidos por pedras atiradas das margens opostas; ao passo que as conversas lado a lado são como remos: ajudam a propulsão. *Mas* então, como vai essa alma? Ela já se desvenciou dos sentidos? (...) (48, p.62)
- (60) — Não. A gleba no Guarujá é uma só, e olhe lá!
— *Mas*, Augusto, como você está bem disposto! (48, p.62)
- (61) — Elvira está ótima, não?
— Felizmente. *Mas* de que é que estavam falando? (48, p.66)
Verifica-se que:
- a) p é ou não histórica (e p nem sempre é formulada); q não é histórica (é fala de personagem, ou de narrador em primeira pessoa).
- b) A mudança de foco que o acréscimo de q representa pode vir expressa ou reiterada:
— por elementos lexicais exortativos, em (56) (*passemos adiante*), em (57) (*tornemos de novo à sala*);
— por um elemento lexical de função fática**, em (58) (*ouça*) e em (59) (*então*);
— pela forma exclamativa, em (60);
— pela forma interrogativa, em (59) e (61).
- 1.3.3. Com acréscimo de um novo tema***
- (62) (...) Olhou as flores vivas, umas despetaladas, outras ainda por abrir em desperdício tranqüilo: seus olhos piscaram de cobiça.
Percebia tudo ao mesmo tempo, ginguando, gozando a limpidez dos olhos que era a da própria luz.
Mas, sem que soubesse de onde, aparecera de alguma parte uma mulata moça de cabelos enrolados em cachos, e que ali se postara com olhos rápidos, rindo. (...) (27, p.46)
- (63) (...) Depois (as mulheres) falavam de roupas, sem constrangimentos.

* Referimo-nos ao foco narrativo como o elemento que define o centro, na perspectiva do sujeito narrador.

** A designação *fática* para uma das funções da linguagem é de MALINOWSKI (34). Refere-se ela à ênfase que se confere ao contacto ou canal. JAKOBSON (22) desenvolve a questão das funções da linguagem incluindo a função *fática*.

*** Chamamos *tema*, aqui, ao suporte da predicação, e *rema*, complementarmente, à predicação do tema. Frequentemente, mas não necessariamente, coincidem *tema e dado*, *rema e novo*.

De roupas, de empregadas e do zelo com as crianças. (...)

Mas os homens permaneciam no outro canto da sala e um deles contava coisas de viagem. (...) (45, p.43)

- (64) (...) A resolução de emendar-se, a energia que prova levantando-se cedo apesar de haver dormido tarde, o ar de mocinha que lhe dá a capa de borracha, tudo se combina para lhe comunicar uma reconfortante sensação de confiança em si. (...) Gosta da perspectiva de enfrentar a manhã chuvosa e fria, de caminhar lépida e só pela rua. Sair enquanto todos dormem, sem pedir licença, fá-la julgar-se independente e responsável.

Mas a avó ouve-lhe os passos e chama-a; vendo-a vestida, pergunta-lhe onde vai, insiste para que não saia sem café, se não for comungar. (37, p.12)

Verifica-se que:

- a) p e q são históricas, havendo ou não relação temporal entre p e q.
- b) O acréscimo de q não implica necessariamente desconsideração ou desvalorização de p; o que há é uma progressão temática*

GRUPO II — ELIMINAÇÃO

Um enunciado da forma p. *Mas* q. pode indicar uma coordenação em que, de algum modo, o segundo membro coordenado elimina o primeiro. Por outro lado, esse enunciado pode não trazer explícita a eliminação, mas implicá-la, pela expressão de uma substituição. É assim que se pode dizer, entendemos, que, no enunciado p. *Mas* q., a frase q pode exprimir:

- a) eliminação, relativamente a p;
- b) substituição de p (suposta ou expressa a eliminação).

É o que se procurará verificar na descrição que aqui se fará.

Consideramos pertinente, para a classificação, a existência ou não de relação temporal entre as frases coordenadas.

II.1. Eliminação no tempo (q não anula o posto em p, elimina apenas a subseqüência temporal ou a consecução de p)

II.1.1. Sem recolocação

- (65) A mulher de Salu lavava roupa e tinha freguesia da casa de seu Teotônio. *Mas* como a roupa da casa de Seu Teotônio era muita, ela se viu obrigada a deixar as demais freguesias; (...) (44, p.68-9).

- (66) (...) tudo isso me fez esquecer um pouco a solidão. *Mas* agora! (48, p.68)

- (67) (...) O poço estava seco e era bonito o reflexo do espelinho correndo como uma lanterna pelas paredes escuras, sabe como é, não? *Mas* de repente o espelho caiu e se espatifou lá no fundo. (50, p.57)

- (68) Era um sono de paz que se espalhava pelo corpo e pelo espírito do velho Naé. (...)

Mas, súbito, acordou ouvindo um ruído. (...) (8, p.139)

- (69) (...) E então, muito estimulado pelo aplauso, ele sungou o cinturão preparando-se para dar uma resposta engraçada ou para mover-se. *Mas* não disse nada e continuou parado. (27, p.48)

- (70) Tentou erguer-se e não pôde (...).

Nova tentativa para ficar de pé. *Mas*, que adiantava? (8, p.111)

- (71) Teve ímpetos de gritar para ela:

* Está aí um importante mecanismo da dinâmica do texto, especialmente levado em conta o efeito dramático da pausa de final de frase antes do *mas*.

- “Sua puta!” — *mas* o sorriso dela, o rosto, o busto arfante, semi-apoiado pelas mãos, tudo era tão perturbador que nada disse, apenas afastou-se (...). (18, p. 257)
- (72) — Posso fumar? — perguntou Augusto. *Mas* logo anulou o gesto (...). (48, p.69).
- (73) Ela abriu a boca para responder à insolência. *Mas* conteve-se. (27, p.52)
- (74) — Quando era sua cliente você a trouxe (...) e chegou a prevenir-nos de que ela tencionava oferecer-nos um jantar, ou um almoço, nem me lembro mais. *Mas* o convite ficou para as calendas gregas. (...) (48, p.67-8).
- (75) — Está morando aqui?
— Não. Pretendia, quando comesse o desquite. *Mas* vou morar noutro canto. (26, p.99)
- (76) — Ele não é de briga — respondi, e ia acrescentar “mas tem uma força de touro, fique sabendo”. *Mas* hesitei. Dois outros juntaram-se ao primeiro, também com o mesmo interesse. Eu não soube o que dizer, não consegui inventar duas palavras (...) (41, p.77)
- (77) (...) Ele se sentia tão leve que estava mesmo precisando amarrar uma pedra no pescoço. Então forçou-se com dificuldade a lembrar-se. *Mas*, para a sua própria desvantagem, o lugar era bonito demais, e para sua própria desvantagem ele estava se sentindo bem — o que lhe tirava da percepção a sua principal utilidade de luta. (27, p. 45)
- Verifica-se que:
- a) p é histórica; q é ou não histórica.
b) q nega: a subsequência de p, como em (65) a (68); a consecução de p, como em (69) a (77).
- c) Essa negação é:
- explícita: nesse caso, q ou é negativa, como em (69) (*não disse nada*), em (70) (*que adiantava?*: interrogação retórica, com força de negação), em (71) (*nada disse*) ou traz a expressão léxica de: anulação, como em (72) (*anulou*); contenção, como em (73) (*conteve-se*); protelação, como em (74) (*ficou para*); desistência, como em (65) (*deixar*) e (75) (*vou morar noutro canto*); irrealização, como em (76) (*hesitei*, mais adiante explicitado por *não consegui inventar duas palavras*); observe-se que a não-consecução de p pode vir arrazoada, isto é, além da não-consecução, pode vir expressa a sua causa, como em (71) (*era tão perturbador que*) e em (65) (*como a roupa da casa de seu Teotônio era muita*);
 - implícita: o que vem expresso é a causa da qual resultou a anulação da subsequência de p ou o obstáculo causador da não-consecução de p; é o que ocorre em (77) (*o lugar era bonito demais* (...)) e (...)) (*ele estava se sentindo bem*), em (67) (*o espelho caiu e se espatifou*) e em (68) (*acordou*);
 - parcialmente implícita: em (66), q se reduz a um indicador de tempo subsequente a p (*agora*: presente do enunciador), o qual, introduzido por *mas* e marcado pelo componente exclamativo, implica negação da subsequência de p.
- d) A eliminação pode ser parcial: apenas se anula a subsequência de uma parte de p, como em (65);
- e) A subsequência temporal pode vir explicitada, como em (72) (*logo*), e em (67) (*de repente*) e (68) (*súbito*): q é um ponto no *continuum* de p.

II.1.2. Com recolocação

- (78) (...) A luz era muito fraca. *Mas* um automóvel passou na rua e seus holofotes se projetaram sobre a mesa ocupada pelo velho. (...) (8, p.119)
- (79) (...) A princípio achou-a sem sentido. *Mas* certa noite, na escuridão do quarto, ao ouvir os discos, que já sabia fazerem parte do álbum de Beethoven, recebeu-os com um obscuro sentimento de ternura. (50, p.52)
- (80) O primeiro contacto não traz o prazer esperado. Torrões e pedrinhas magoam-lhe os pés. *Mas* logo avista, mais adiante, um trecho de lama, boa, lisa, morna, pegajosa. (...) (37, p.5)
- (81) — (...). Ouça, Virgínia, agora você é uma menininha ainda e nada disso tem a menor importância, as meninas precisam ser bonitas e saudáveis, só isso é importante. *Mas* quando você crescer, então sim, então vai ficar bonita, eu tenho certeza que vai! (50, p.59)
- (82) E ali estava agora sentada, quieta no casaco marrom. (...). Os olhos baixos viam o chão entre os trilhos. (...). A brisa arrepiou-lhe os cabelos da nuca, ela estremeceu recusando, em tentação recusando, sempre tão mais fácil amar.
Mas de repente foi aquele vôo de vísceras, aquela parada de um coração que se surpreende no ar, (...). (28, p.221)
- (83) Os olhares buscavam o menino-zinho barrigudo, que só uns poucos pretendiam ter visto. Havia os que nem sequer sabiam o que se procurava (...). *Mas* como não se achava sinal do afogado, o bate-boca hasteou bandeiras altas, com o mulhério a es-

pecular em torno da identidade da vítima (...) (43, p.55)

- (84) (...) E, ao imaginar o rosto enlevado da prima, a senhora subitamente desviou o seu da imagem pressentida como se não a suportasse; sem poder impedir que dentro de si, quase com fúria, seu coração começasse a bater de espanto. *Mas* tendo transferido para Ermelinda o desgosto que sentia contra a própria estupidez, sentiu-se sem culpa nenhuma; (...) (27, p.53)
- (85) (...) Experimentou calcular se estaria perto ou longe daquilo que acontecia em algum lugar. *Mas* parava, e de novo o silêncio do sol se refazia e o desorientava. (27, p.39)
Verifica-se que:
- a) p e q são históricas ou não.
 - b) A negação da consecução ou da subsequência de p é naturalmente suposta pela substituição de p; essa eliminação pode vir expressa, como em (85) (*parava*), onde q é um conjunto coordenado, em que o primeiro segmento expressa a cessação, e o segundo, a recolocação.
 - c) A subsequência temporal pode vir explicitada, como em (79) (p: *a princípio*; q: *certa noite*), em (80) (*logo*), em (81) (*quando você crescer*), em (82) (*de repente*: q inicia-se num ponto do *continuum* de p);
 - d) A substituição pode recolocar um elemento anterior ao conjunto p. *Mas* q., como em (85).
 - e) A recolocação vem arrazoada em (83) (por um adjunto de causa) e em (84) (por um adjunto misto de causa e de tempo).

11.2. Eliminação sem relação temporal pertinente entre p e q (q invalida p)

II.2.1. Sem recolocação

1.º) Nega-se a realidade de p.

(86) (...) Nem sua mãe se o visse na rua o reconheceria, ele pensou contemplando no espelho aquela triste figura. *Mas* não, não era assim; tinha gente danada. (...) tinha gente que por um pequeno detalhe já descobriria. (55, p.47-8)

(87) (...) Bruna não a perdoaria nunca se a visse assim. *Mas* Bruna estava longe, “ninguém saberá”, Daniel parecia lhe dizer com um olhar de conspiração. (...) (50, p.58)

(88) (...) Se ao menos Conrado tivesse aparecido... Tão bom ele era, tão delicado, (...). *Mas* Conrado estava sempre tão longe! (50, p.60)

(89) — Irmão cachorro — disse, num desabafo. — Se você tivesse dentes e unhas mais fortes deveria me arranhar e eu não me importava com isso. *Mas* está velho como eu e já não pode fazer o que deseja. (8, p.111)

(90) Todo mundo reprovou o procedimento dos compradores e mais ainda o de Estevão, que na qualidade de antigo proprietário e amigo poderia ter dito uma palavra em favor do velho Marcos; *mas* Estevão era agora do outro lado, e nada mais se poderia esperar dele. (53, p.77-78)

(91) Hoje pela manhã vieram me avisar: amanhã volto à liberdade. *Mas* que liberdade? Eu renunciei a ser livre no dia em que me prostrei diante do altar e prometi a Deus que seria padre. (9, p.16)

(92) “(...) A verdade é que se fosse completamente disponível como todas as moças, teria ensejos para maior convivência...”

“Convivência? *Mas* esta casa vive repleta!” (48, p. 76)

(93) Ia recolher-se aos seus aposentos, quando o telefone tocou. *Mas* não era Antonieta. (...) (48, p.77).

Verifica-se que:

a) p e q são históricas ou não;
b) Em (86), nega-se o posto em p, explicitamente: q expressa a própria negação de p (que é retomada por predicado anafórico): *não, não era assim*; aí vem também expresso o obstáculo que impede a realidade de p (*tinha gente danada que por um pequeno detalhe descobriria*); observe-se que poderia ter ficado implícita a negação, expressando-se apenas o obstáculo à realidade de p;

c) Em (87) nega-se a possibilidade expressa em p (como p é um período hipotético eventual, o que se nega é a prótase); a negação é implícita, vindo expresso o obstáculo que impede a realidade de p, (como p é um período hipotético eventual, o que se expressa é a causa do não-preenchimento da condição necessária à realidade da apódose de p): *Bruna estava longe*; observe-se que q poderia trazer explícita a negação, que seria a formulação em termos negativos (isto é, com inversão de polaridade) da prótase de p (*Bruna não a via*);

d) Em (88), (89) e (90), ratifica-se a irrealidade de p (p é um enunciado irreal);

— em (88) e (89), em que p é um período hipotético irreal, q nega o preenchimento da condição que teria sido suficiente para a realidade da apódose de p; a negação é implícita, vindo expresso o obstáculo que impede a realidade de p (a causa da irrealidade): *Conrado estava sempre tão longe* (88); *está velho como eu* (89); observe-se que q poderia trazer

- explicita a negação, que seria a formulação em termos negativos (isto é, com inversão de polaridade) da prótase de p: *Conrado não apareceu* (88); *you não tem dentes e unhas mais fortes* (89);
- Em (90), em que p é modalizada pelo poder, q nega a potencialidade de p; a negação é implícita, vindo expressa a causa da não efetivação da potencialidade de p; *Estevão era agora do outro lado*; observe-se que q poderia trazer explícita a negação, que seria a formulação em termos negativos (isto é, com inversão de polaridade) do enunciado p despojado da modalização do poder: *Estevão não disse*.
- e) Em (91) e (92), nega-se um pressuposto de p: em (91), “voltar à liberdade” pressupõe “ter estado anteriormente em liberdade”; em (92), “desejar uma convivência maior” pressupõe “haver no momento uma convivência insuficiente”. A negação apresenta-se marcada com entoação exclamativa, sendo que, em (92), q é uma interrogação retórica (com força de negação).
- f) Em (93), nega-se um subentendido de p (q enuncia negativamente um subentendido de p: “era Antonieta”).
- 2.º) Invalida-se p, por inoportuno.
- (94) Íamos começar o jogo da vida e já mal servidos de corpo, derrotados de nascença. *Mas* eu não queria insistir nessas coisas para não desanimar os companheiros. (31, p. 117).
- (95) E como anunciara a Ermelinda o novo homem, sem que esta ficasse feliz? *Mas* este seria um problema para resolver mais tarde. (27, p. 53).
Verifica-se que:
- a) p e q são históricas ou não.
b) Não está em questão a verdade de p; o que se rejeita é a oportunidade da enunciação de p, e isso equivale a uma desconsideração de p na sequência do discurso. Observe-se que essa desconsideração pode ser provisória, sugerindo protelação, como em (95).
- 3.º) Rejeita-se a dúvida expressa em p.
- (96) (...) Seria ele mesmo ou algum outro Ranulfo? Não conhecia nenhum ali na vizinhança. *Mas* claro que podia ser outro. (...) (55, p. 50).
- (97) — Terá sido mesmo? *Mas* não, não pode ter sido. (26, p.107)
- (98) (...) Passar ali? Seria um suicídio. Se bem que se sentia tentado: só para provar de novo e com maior risco o seu disfarce. *Mas* claro que não faria isso: seria cometer uma loucura (...) (55, p. 48-9).
- (99) — Você acha que vai chover?
— *Mas* claro, as nuvens estão baixando, a chuva já está aí. (49, p. 148).
Verifica-se que:
- a) p e q são enunciados modalizados; p expressa eventualidade e q é veredictório.
b) q responde a p (uma interrogação geral), rejeitando o desconhecimento ou dúvida do enunciator e estabelecendo uma verdade; em p, além do componente interrogativo, constituem expressão de eventualidade: o morfema modo-temporal (de futuro do pretérito, em (96); de futuro composto, em (97); de infinitivo, em (98), ou um lexema (*acha*, em (99))).
- c) A dúvida pode ser atemporal, como em (96), projetada no passado, como em (97), e projetada no futuro, como em (98) e (99); pode ser geral, como em (97), (98) e (99), e alternativa, como em (96).
- d) Nos casos em que p é uma dubitativa geral, a rejeição da dúvida tanto pode representar uma opção pela possibilidade positiva (em (99) como pela

possibilidade negativa (em (97) e (98): o *mas* se segue de um morfema de negação); no caso em que *p* é uma dubitativa alternativa, a rejeição da dúvida representa opção por uma das alternativas oferecidas.

- e) A rejeição é sempre marcada pela entoação exclamativa, mesmo que não registrada graficamente; observe-se que a obviedade na rejeição da dúvida pode vir expressa por um modalizador de veredicação (*claro*) seja qual for a opção na rejeição ((96), (98), (99)); observe-se, ainda, que apenas na opção pela possibilidade negativa a existência do *mas* não é condicionada por esse elemento.

II.2.2. Com recolocação

A frase *q* constitui contestação de *p*; substitui-se a rejeição explícita de *p* por uma frase que cumpre um ato de protesto.

1.º) Desconsidera-se o enunciado anterior, rejeitando-se o próprio ato de enunciação.

- (100) — (...) Era como as outras pessoas?
(...) *Mas*, pelo amor de Deus, minha filhinha, não me faça mais perguntas (...) (37, p. 22)
- (101) — (...) É muito ruim ser feio.
— *Mas*, meu bem, por que você fala assim?
— Eu sou feia. (50, p. 59)

- Verifica-se que:
- a) *p* e *q* constituem inserção da enunciação no enunciado (discurso direto).
- b) A contestação é marcada por entoação exclamativa, mesmo que não registrada graficamente; em (100), ela é representada por uma proibição, e, em (101), por uma interrogação retórica; o fato de estar sendo rejeitado o enunciado (e

a enunciação pressuposta no enunciado) pode vir explícito (*faça perguntas*, em (100); *fala*, em (101)).

2.º) Rejeita-se algum elemento da situação de enunciação.

- (102) (...) Na portaria do hotel, mal fechei a porta, a dona espantou-se:
— *Mas* o senhor lá fora, com um tempo destes! (32, p. 30)
- (103) Vira as costas pra lá, Siá Ana. Cria vergonha, mulher. *Mas*, meu filho, para que foi que você foi fazer isso? Dar uma surra logo no filho do sargento! (36, p. 67-8)
- (104) (...) E ela ficava pensando no quintal de seu Teotônio com as suas quarenta e tantas cabeças de galinha (...).
— *Mas* a senhora — falava com a mulher do seu Teotônio — com tanta galinha em casa e ainda compra fora? (44, p. 69)
- (105) Cravei o olhar nas cerejas (...). Ela desprendeu-as rapidamente:
— Já vi que você gosta, pronto, uma lembrança minha.
— *Mas* ficam tão lindas aí, lamentou madrinha. (49, p. 150)

Verifica-se que:

- a) *q* enuncia um protesto.
- b) A situação rejeitada pode estar enunciada ou implicada no contexto anterior a *q*.
- c) A contestação é marcada por entoação exclamativa, mesmo que não registrada graficamente: ela é representada por uma interrogação retórica em (103) e (104); o protesto pode vir seguido de um arrazoado, como em (104), e pode, mesmo, limitar-se à expressão da razão que leva à

enunciação de *p*, como em (105).

DAS VARIANTES À INVARIÂNCIA

Pode-se afirmar que a seqüência de argumentos de direções opostas é o contexto típico do *mas**. Operador de pesagem de diferenças, o *mas* bloqueia a coordenação neutra de elementos. O segundo segmento é acréscimo ao primeiro, mas não há adição de termos, não há a associação de elementos no que seria uma classe comum**. E, na verdade, o *mas* nem ocorre entre simples membros de uma classe de elementos da língua enquanto tais. Os segmentos que o *mas* coordena, pesando-lhes as desigualdades, devem revestir-se de significação predicativa, para que se estabeleça o cotejo. Ao mesmo tempo que registra uma primeira asseveração, para associá-la a uma segunda, o *mas* discrimina-as, pelo estabelecimento de uma desigualdade, e mantém a segunda.

O fato de uso do *mas* ser mais restrito que o do coordenador *e* é evidente, e tem sido sempre apontado***. Acreditamos que a definição do *mas* como marcador de desigualdade entre os segmentos coordenados pode responder por essa restrição.

Marcando o enunciado no qual ocorre como estabelecido de diferenciação entre os dois segmentos que o compõem, o *mas* é caracteristicamente um operador de argumentação. É apenas superficialmente, pois, que esse elemento ocorre entre simples "palavras": em *bonito, mas antipático, bonito e antipático* são antes predicados que adjetivos. E é assim que as classes de palavras que não podem consti-

tuir termos de proposição não se deixam coordenar pelo elemento *mas*: **de, mas com; *que, mas se*.

Por essa razão, é imperfeita a consideração do *mas* como simples equivalente de *e entretanto*, ou *e, não obstante*. Essa definição confere ao *mas* a mesma definição básica do *e*, ressaltando, depois, a existência, já no interior do segundo segmento coordenado, de um significado adverbativo, representado no adverbial. Basta verificar que o elemento *mas* vem, normalmente, após uma pausa, o que marca, na entoação, a existência de dois picos. Isso ocorre menos necessariamente com o *e*, o que mostra que o *mas* não pode reduzir-se a uma fórmula do tipo *e + adjunto adverbial*. Comparem-se as seqüências:

- a) *bonito e antipático*
- b) *bonito mas antipático*
- c) *Sai e volta.*
- d) *Sai, mas volta.*

Os enunciados com *mas*, operando pesagem de diferenças, jogando com discriminações, de fato se constroem basicamente sobre relações argumentativas, buscando estabelecer o prevailecimento de uma direção sobre outra, ou sobre outras. É a própria atividade de argumentar que produz um enunciado com *mas*, que nunca marca caracteristicamente um discurso em que a argumentação se disfarce, como o discurso autoritário, ligado à fórmula *Sei, logo é verdade*.

Na verdade, operando sobre a admissão da validade do enunciado que refuta, o discurso com *mas* é manifestamente polêmico, o que não significa necessariamente

* O coordenador *e* ocorre ocasionalmente nesse contexto. Ex.:

"(...) Ao descobrir os amores clandestinos do irmão, tomara a resolução de fingir que não sabia de nada, de esquecer o que vira. Procurava não olhar para Nazaré, afastava-se o mais possível quando ela servia à mesa. E, de repente, naquele domingo, em que a mulata lhe aparecera toda faceira, pronta para sair, com um vestido indecentemente decotado, assaltou-a o impeto inopinável. As palavras lhe saíram sem serem provocadas por nenhum pensamento anterior, como se falasse movida por força estranha.

"Você já foi de novo furtar meu perfume, sua ordinária!" (37, p. 18)

** PERELMAN (38, p. 91-91) diz que a inserção de fenômenos em uma classe pode exprimir-se não pelo emprego de uma noção já elaborada, mas pelo emprego de uma conjunção de coordenação, como *e, ou, nem*. Dizer "Goethe e Schiller" é inseri-los naturalmente em uma mesma classe, é formar uma classe *ad hoc* pela própria reunião de dois termos em um plano de igualdade.

*** GLEITMAN (20, p. 266) cita as preposições como classes de palavras que não podem ser ligadas por *but*.

te, porém, que ele seja liberal. Pelo contrário, disfarçar *com* a argumentação não é mais liberal do que disfarçar *a* argumentação (como faz o discurso autoritário). Fazer concessão a um determinado argumento apenas para reafirmar a prevalência da direção contrária pode representar uma apropriação do argumento admitido por argumentar com a sua fraqueza e insuficiência, e, assim, em última análise, capitalizá-la para uso em direção contrária àquela na qual ele foi lançado. Um discurso manifestamente dogmático, declaradamente sem concessões, tem menos força persuasiva do que o discurso assente sobre a pretensa liberalidade da concessão, que lhe confere, em princípio, legitimidade e respeitabilidade.

É assim que a concessão é, na verdade, uma arma do *fazer crer*. Um enunciado com *mas*, chamando a atenção do ouvinte para a liberalidade do enunciador, disfarça o autoritarismo que, afinal, pode estar governando o discurso, já que nele prevalece direção diferente da concedida ao interlocutor. Assim fazendo, cria condições para a adesão à orientação escolhida pelo enunciador.

Por outro lado, o fazer crer só pode apoiar-se na assunção do saber pelo enunciador. E é assim que a concessão implica necessariamente a posse do saber pelo enunciador, que só ela legitima a contraposição que ele há de fazer em seqüência. Esse é um saber que implica a adesão a uma verdade que se refutará em seqüência. A declaração de posse de uma verdade que realmente não se crê verdade é a configuração explícita da concessão*.

Assim, a força do fazer crer se apóia

no jogo da veredicação, usando a discriminação. O enunciador joga com a admissão de uma verdade para, em seguida, contrapor outra e diferente verdade, o que significa que a primeira era apenas aparência.

Desse modo, o enunciado básico com *mas* é da fórmula:

— p.: a verdade do enunciatário (é o ser do enunciatário, que o enunciador concede considerar);

— q.: a verdade do enunciador (é o ser do enunciador, diferente da do enunciatário, e a partir do qual se estabelece que o ser do enunciatário era apenas parecer).

O que se concede é considerar a existência do enunciado do interlocutor, mas não como um enunciado do ser; ele é admitido como um parecer, para sobre esse parecer estabelecer-se a verdade do enunciador. *Fazendo saber*, de tal modo (*liberal*) a sua verdade, o enunciador põe no seu enunciado maior peso para o *fazer crer*.

Concluindo, diríamos que, na interpretação dos enunciados com *mas*, é necessário, predominantemente, recorrer à sua força argumentativa. Apresentar explicitamente uma dissemelhança, ao coordenar dois segmentos, implica apelar para uma discriminação, uma comparação e uma pesagem; implica argumentar. Desse modo, a mobilidade que o coordenador *mas* confere ao texto é uma mobilidade principalmente assentada nesse terreno. Com o *mas* se avança por se irem contrapondo *novos* e *diferentes* argumentos, que fincam pontos sobre os quais o discurso progride.

* É o que ocorre em (38) e (42), por exemplo.

NEVES, M.H. de M. — The interphrasal coordinator *mas* — invariance and variables. *Alfa*, São Paulo 28: 27-40, 1984.

ABSTRACT: *Having proposed a basic semantic definition for the mas — which refers to the notion of inequality for the segments between which it occurs —, we consider the existing differences in several interphrasal occurrences of that coordinator. Having verified the typical context of occurrence we conclude that mas is a characteristic element of the argumentative operation.*

KEY-WORDS: *Coordination; argumentation; adversative; relation; comparison; concession; contraposition; elimination; replacement; polemic discourse.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANTÔNIO, J. — Paulinho Perna Torta. *In: OS DEZ MANDAMENTOS*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965. p. 272-276.
2. BENVENISTE, E. — L'appareil formel de l'énonciation. *Langages*, 17: 12-18, 1970.
3. BENVENISTE, E. — *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Gallimard, 1966.
4. BLOCK, O. & WATBURG, W. — *Dictionnaire étymologique de la langue française*. 5.ed. Paris, PUF, 1968.
5. CALLADO, A. — *Quarup*. 3.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. p. 124-143.
6. CHANTRAINE, P. — *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Histoire des mots. A-K. Paris, Klincksieck, 1968.
7. CHAROLLES, M. — Introduction aux problèmes de la cohérence des textes. *Langue Française*, 38: 7-41, 1978.
8. CONDÉ, J. — Tempo vida solidão. *In: — Obras escolhidas de José Condé*. Rio de Janeiro, Brasília, Civilização Brasileira, INL, 1978. v.5, p. 110-163.
9. CONY, C.H. — Por vós e por muitos. *In: CONTOS*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1974. p. 12-16.
10. COROMINAS, J. — *Diccionario crítico etimológico de la lengua Castellana*. Berna, Ed. Francke, 1954.
11. DENNISTON, J.D. — *The Greek Particles*. Reprinted. Oxford, Clarendon Press, 1968.
12. DOURADO, A. — As voltas do filho pródigo. *In: O CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO*. Seleção de textos, introdução e notas bibliográficas por Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo, Cultrix, 1977. p. 200-204.
13. DUCROT, O. — Les échelles argumentatives. *In: — La preuve et le dire. Langage et logique*. Mame, Repères, 1973. cap. 13.
14. DUCROT, O. — Logique et linguistique. Introduction. *Langages*, 2: 3-30, 1966.
15. DUCROT, O. — Présupposés et sous-entendus. *Langue Française*. 4: 30-43, 1969.
16. DUCROT, O. & VOGT, C. — De magis a mais: une hypothèse sémantique. *Revue de Linguistique Romane*, p. 171-172, 317-341, 1979.
17. ELIS, B. — A enxada. *In: O CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO*. Seleção de textos, introdução e notas bibliográficas por Alfredo Bosi. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1977. p. 94-98.
18. FIGUEIREDO, G. — Xangô. *In: OS DEZ MANDAMENTOS*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965. p. 255-259.
19. FILLMORE, C.J. — Les règles d'inférence dans une théorie sémantique. *Cahiers de Lexicologie*, 19(2): 3-24, 1971.
20. GLEITMAN, L.R. — Coordinating conjunction in English. *Language*, 41(2): 260-293, 1965.
21. HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. — *Cohesion in English*. London, Longman, 1976.
22. JAKOBSON, R. — Linguística e poética. *In: — Linguística e comunicação*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1970. p. 118-162.
23. LAKOFF, R. — If's And's and But's about conjunction. *In: FILLMORE, C.J. & LANGENDOEN, D.T., eds. — Studies in Linguistic Semantics*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1971. p. 115-149.
24. LEITE, A. — *A viúva branca e Salto mortal*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1960. p. 32-36; 40-41; 54-55; 68-71; 80-83; 92-94.
25. LEUMANN-HOFMANN-SZANTYR — *Lateinische Syntax und Stilistik*. Handbuch der Altertumswissenschaft. München, C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1972. Bd 2.
26. LINS, O. — *O fiel e a pedra* — Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1961. p. 98-117.
27. LISPECTOR, C. — *A maçã no escuro*. 3. ed. Rio de Janeiro, José Álvaro Ed., INL, 1970. p. 36-55.
28. LISPECTOR, C. — O búfalo. *In: O CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO*. Seleção de textos, introdução e notas bibliográficas por Alfredo Bosi. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1977. p. 220-224.

29. LOPES, M.C. — O navio morto. *In: OS DEZ MANDAMENTOS*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965. p. 187-188; 191-192; 196.
30. MACHADO, A.M. — *O defunto inaugural*. *In:—A morte da porta-estandarte e outras histórias*. 2.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. p. 62-66.
31. MACHADO, A.M. — O homem alto. *In:—A morte da porta-estandarte e outras histórias*. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. p. 114-118.
32. MACHADO, A.M. — O iniciado do vento. *In:—A morte da porta-estandarte e outras histórias*. 2.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. p. 28-32.
33. MACHADO, J.P. — *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, Ed. Confluência, 1959.
34. MALINOWSKI, B. — The problem of meaning in primitive languages. *In: OGDEN, C.K. & RICHARDS, I.A. — The meaning of meaning*. 9.ed. New York, London, 1953. p. 296-336.
35. MEYER-LUBKE, W. — *Introdução ao estudo da glotologia românica*. Redação portuguesa de A.G. Júdice. Lisboa, Clássica Ed., 1916.
36. NASCIMENTO, E. do — A grande canção do mar. *In: VINTE HISTÓRIAS CURTAS*. Rio de Janeiro, Antunes, 1960. p. 64-68.
37. PEREIRA, L.M. — *Cabra-cega*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954 — p.5-15; 18-22; 25-28.
38. PERELMAN, C. — *Le champ de l'argumentation*. Bruxelles, Presses Univ. Bruxelles, 1970.
39. PILTCHER, I. — É pena, mas morrem. *In: VINTE HISTÓRIAS CURTAS*. Rio de Janeiro, Antunes, 1960. p. 166-167.
40. PILTCHER, I. — Todas as tumbas têm flores. *In: VINTE HISTÓRIAS CURTAS*. Rio de Janeiro, Antunes, 1960. p. 172.
41. PINTO, E.S. — *A crônica do valente Parintins*. São Paulo, Duas Cidades, 1976. p. 48-52; 56-60; 76-85.
42. REBELO, M. — Conto à la mode. *In: OS DEZ MANDAMENTOS*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965. p. 86-90.
43. RESENDE, O.L. — A pesca. *In: CONTOS*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1974. p. 54-58.
44. SALES, H. — *Cascalho*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966. p. 53-72.
45. SANT'ANNA, S. — A confraria. *In: CONTOS*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1974. p. 41-45.
46. SCHWYTZER, E. — *Grieschiche Grammatik*. München, C.H. Bech'sch Verlagsbuchhandlung, 1968.
47. SILVEIRA, H. — A terra cobre nada. *In: OS DEZ MANDAMENTOS*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965. p. 216-220.
48. TEIXEIRA, M. de L. — *A virgem noturna*. São Paulo, Martins Ed., 1965. p. 60-79.
49. TELLES, L.F. — As sereias. *In: O CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO*. Seleção de textos, introdução e notas bibliográficas por Alfredo Bosi. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1977. p. 146-150.
50. TELLES, L.F. — *Ciranda de pedra*. 3.ed. São Paulo, Martins Ed., 1955. p. 50-69.
51. TRAVASSOS, N.P. — *O boi e sua senhora*. São Paulo, EDART, 1962. p. 8-22.
52. VAN DIJK, T.A. — *Text and context: explorations in the semantics and pragmatics of discourse*. London, Longman, 1977.
53. VEIGA, J.J. — A usina atrás do morro. *In: O CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO*. Seleção de textos, introdução e notas bibliográficas por Alfredo Bosi. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1977. p. 74-78.
54. VERÍSSIMO, E. — Esquilos de outono. *In: CONTOS*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1974. p. 76-80.
55. VILELA, L. — Feliz Natal. *In: CONTOS*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1974. p. 47-51.